



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XII (2011)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

O mestre Max Justo Guedes

Mário Clemente Ferreira 

Como Citar | How to Cite

Ferreira, Mário Clemente. 2011. «O mestre Max Justo Guedes». *Anais de História de Além-Mar* XII: 355-360. <https://doi.org/10.57759/aham2011.37240>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2011. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2011. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

O MESTRE MAX JUSTO GUEDES

por

MÁRIO CLEMENTE FERREIRA*

Conheci Max Justo Guedes, então capitão-de-mar-e-guerra da marinha brasileira, em janeiro de 1993, quando frequentava o mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (séculos XV-XVIII), na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, dirigido pelo Professor Artur Teodoro de Matos. No âmbito do seminário sobre História da Náutica e da Cartografia, que até ao ano anterior havia sido lecionado pelo Professor Luís de Albuquerque, Max Justo Guedes proferiu algumas lições sobre a história da cartografia antiga portuguesa. Desde esse primeiro contacto, para além do seu vasto conhecimento científico, ficou também evidente a sua facilidade em transmitir a sua profunda erudição. Mas também a grande amabilidade que o caracterizava.

Nessa ocasião, quando passava precisamente um ano sobre o desaparecimento do seu amigo Luís de Albuquerque, manifestou a intenção de atrair jovens investigadores para a área da história da cartografia. Para alunos que então se iniciavam naquela temática, tratou-se de uma experiência privilegiada. Reunidos em volta dos grandes volumes da primeira edição dos *Portugaliae Monumenta Cartographica*, que teve o cuidado de levar consigo para a faculdade, foi-nos proporcionada uma visão global da cartografia antiga portuguesa, sobretudo daquela relativa ao território brasileiro. Na época, dar continuidade àquela obra, no que se referia à cartografia setecentista do Brasil, constituía um dos seus projetos.

Essa experiência conduziu-me também a um contacto com a sua vasta produção historiográfica, indo para além do clássico *O Descobrimento do Brasil*, obra incontornável sobre a viagem de Pedro Álvares Cabral, editado em Portugal em 1989¹. Max Justo Guedes ofereceu aos alunos daquele seminário exemplares de um dos tomos do segundo volume da *História Naval Brasileira*, obra coletiva da qual foi um dos principais impulsionadores e que coordenou desde 1975, ano da edição do primeiro volume. Tratava-se do primeiro tomo por si escrito sobre «As guerras holandesas no mar». O segundo

* Centro de História de Além-Mar.

¹ Max Justo GUEDES, *O Descobrimento do Brasil*, Lisboa, Vega, 1989.

teve a gentileza de remeter já do Rio de Janeiro². A leitura desses textos acabou por condicionar a minha opção pelo tema da influência da cartografia portuguesa na cartografia produzida no tempo do Brasil holandês para o trabalho apresentado no âmbito daquele seminário. Foi essa a minha primeira incursão, bastante modesta, no âmbito da história da cartografia.

O contacto inicial com Max Justo Guedes e a sua intenção de dar continuidade aos *Portugaliae Monumenta Cartographica* acabaram igualmente por influir na minha escolha pela história da cartografia setecentista do Brasil como tema da dissertação a apresentar no âmbito daquele mestrado. Assim, iniciei a pesquisa relativa aos trabalhos desenvolvidos pelas *partidas do sul*, as equipas que demarcaram na América meridional os limites territoriais entre as duas coroas ibéricas acordados em janeiro de 1750 com a assinatura do Tratado de Madrid. O estudo dessa produção cartográfica constituiria a minha contribuição para esse vasto projeto, que, infelizmente, não se concretizou na sua globalidade.

Desde essa época que os meus inventários de peças cartográficas dispersas por variados arquivos têm por base uma ficha de levantamento elaborada por Max Justo Guedes, no âmbito do projeto que pretendia desenvolver e que designou de «Cartografia do Brasil – Século XVIII». Destinada a cada um dos exemplares inventariados, era composta por três grandes partes (Dados Gerais, Dados Geográficos e Histórico), as quais se subdividiam em numerosos itens. Da primeira constava a indicação do acervo, a classificação, o título, o autor, o ano, a apresentação, o copista, as dimensões, a escala, o suporte, os insertos e ainda um espaço para notas. A segunda era constituída pelas indicações da região abrangida, das coordenadas (latitudes e longitudes), do meridiano de origem, da toponímia resultante e da toponímia posterior e/ou atualizada. Da última parte deveriam constar os documentos determinantes e os dados sobre o levantamento. Elaborada numa época em que as potencialidades da Internet ainda estavam no início do seu desenvolvimento, compreensivelmente não surgia nela qualquer referência ao acesso eletrónico. De qualquer modo, apesar de ligeiras adaptações resultantes da evolução dos tempos, a referida ficha tem-se revelado um instrumento fundamental de trabalho desde então. Não se limitando meramente às questões técnicas e matemáticas inerentes à elaboração dos mapas, que a formação de Max Justo Guedes na Escola Naval poderia justificar, aquela ficha valoriza largamente a compreensão da conjuntura e ambiência em que os mapas foram traçados. Ao compreendermos que estes refletem sempre a época em que surgiram, entendemos Max Justo Guedes quando afirmou, numa entrevista dada no ano 2007 à *Revista de História da Biblioteca Nacional*: «minha paixão é pela história, não é pelos mapas, os mapas são uma consequência»³. Aliás, para Max Justo Guedes, como ele frequente-

² *História Naval Brasileira*, 2.º vol., t. IA e IB, Rio de Janeiro, Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1990-1993.

³ «Max Justo Guedes – O mundo sem segredos», *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n.º 22, jul. 2007.

mente fazia notar, a total compreensão de uma determinada época histórica era indissociável do exame da cartografia contemporânea.

Esta complementaridade entre a história e a geografia levava-o a reconhecer os espaços geográficos que ia estudando. Foi o que sucedeu, por exemplo, relativamente à viagem de Pedro Álvares Cabral e a região costeira de Porto Seguro ou à viagem de Pedro Teixeira e a bacia amazónica. Por exemplo, o facto de ter sobrevoado de helicóptero o litoral de Porto Seguro e percorrido, por diversas vezes, a costa entre a baía Cabralia e o monte Pascoal, permitiu-lhe determinar com exatidão os locais por onde andou a armada de Cabral em abril de 1500. Um dos seus frequentes conselhos era precisamente o de se visitar e explorar os lugares objetos de estudo, pois só isso poderia tornar inteligíveis certos acontecimentos. Infelizmente, apesar de desejável, nem sempre é possível cumprir esta orientação.

Em 1997, realizou-se em Lisboa o XVII Congresso Internacional de História da Cartografia, de cuja comissão científica Max Justo Guedes fazia parte. Apresentei nessa ocasião uma primeira abordagem ao célebre Mapa das Cortes, para a qual havia preparado uma sobreposição desse mapa de 1749, que representa grande parte da América do Sul, num mapa atual. Alertou-me Max Justo Guedes então para os perigos desse tipo de sobreposição, explicando-me as condições e os processos pelos quais ela poderia ser realizada. Mais uma vez o mestre, utilizando os seus conhecimentos técnicos, complementou a minha formação de historiador. Era esta a vantagem de aprender com Max Justo Guedes. Com a sua generosidade, conseguia tornar simples problemas que, por limitações diversas, de outra forma seriam extremamente complexos para quem não possui qualquer formação matemática.

Para o sucesso deste importante congresso, mostrou também um grande empenhamento. Foram, então, organizadas diversas exposições sobre a cartografia antiga de diferentes espaços do império português, tendo sido os respetivos catálogos editados pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Para um deles, referente à exposição «Tesouros da Cartografia Portuguesa», que teve lugar no Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Max Justo Guedes escreveu sobre «A cartografia portuguesa antiga», centrando-se sobretudo na produção cartográfica dos séculos xv e xvi, resultado das viagens marítimas portuguesas⁴. Para outro, relativo à exposição «Cartografia e Diplomacia no Brasil do Século XVIII» ocorrida na Cordoaria Nacional, apresentou um texto que constitui uma valiosa síntese do longo processo de exploração geográfica, de ocupação e de representação cartográfica do território brasileiro até meados de Setecentos⁵.

⁴ Max Justo GUEDES, «A cartografia portuguesa antiga», in *Tesouros da Cartografia Portuguesa*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp. 13-34.

⁵ Max Justo GUEDES, «A cartografia da delimitação das fronteiras do Brasil no século XVIII», in *Cartografia e Diplomacia no Brasil do Século XVIII*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp. 10-38.

No âmbito da pesquisa para a elaboração da minha dissertação de mestrado, em 1996, desloquei-me pela primeira vez ao Rio de Janeiro, juntamente com André Ferrand de Almeida, outro aluno do seminário de História da Náutica e da Cartografia ocorrido em 1993 que viria a escolher a área da História da Cartografia como campo privilegiado de trabalho. Aliás, foi também graças à atuação de Max Justo Guedes que a nossa permanência naquela cidade durante algumas semanas foi materialmente possível. A invocação do seu nome permitiu a agilização no acesso a alguns dos ricos acervos existentes em diversas instituições daquela cidade. Tudo procurou fazer para que as nossas pesquisas fossem proveitosas.

Um dos locais onde trabalhei foi o Serviço de Documentação Geral da Marinha, situado na ilha das Cobras e dirigido então pelo próprio Max Justo Guedes. Pude constatar as suas raras capacidades de organizador e de dinamizador daquela instituição, visíveis pela sua biblioteca e sua exemplar mapoteca. Mas também no ambiente proporcionado pelos seus funcionários a todos os visitantes. Também ali tive ocasião de observar atentamente diversos mapas por si elaborados, de grandes dimensões e bastante pormenorizados, que reconstituíam todo o percurso da viagem realizada em 1749 e 1750, pela «escolta» do sargento-mor Luís Fagundes Machado, desde o Pará até Mato Grosso, subindo todo o rio Madeira. A sua elaboração teve como finalidade o estudo dessa viagem e, sobretudo, o mapa dela resultante, da responsabilidade de José Gonçalves da Fonseca. A partir desse trabalho havia apresentado uma comunicação em Manaus, em 1992, na VII Reunião Internacional de História da Náutica e da Hidrografia, em conjunto com Marly Jobim Gomes, posteriormente publicada nos *Anais Hidrográficos*⁶. As impressões então trocadas com Max Justo Guedes e as suas pacientes explicações sobre o processo de elaboração dos mapas que reconstituíam a referida viagem, a partir dos registos escritos e cartográficos, levaram-me a procurar fazer um trabalho semelhante sobre os percursos efetuados pelos demarcadores do Tratado de Madrid na região central e meridional do Brasil, desde a região platina até Mato Grosso.

A última vez que estive pessoalmente com o Contra-Almirante Max Justo Guedes e a sua esposa Laís foi em novembro de 2009, no seu apartamento do Leblon. Precisamente dois anos antes da sua morte. Uma tarde de sábado muito agradável, como foram todos os momentos com ele partilhados. Entre muitas das suas cativantes histórias, falou-me com entusiasmo no projeto que então se encontrava a desenvolver, relativo ao processo de integração do espaço amazónico no território brasileiro. Naquela ocasião testemunhei também a sua alegria ao informar-me da doação que acabava de fazer da sua coleção de arte popular, que fora recolhendo durante as suas

⁶ Marly Jobim GOMES e Max Justo GUEDES, «Primórdios da exploração do rio Madeira: a “escolta” do Sargento-mor Luís Fagundes Machado e a carta hidrográfica de José Gonçalves da Fonseca», *Anais Hidrográficos*, t. XLIX (Suplemento), [s.l.], Diretoria de Hidrografia e Navegação, [s.d.], pp. 163-194.

andanças pelo Brasil, e da casa de férias que possuía em São João del-Rei, terra onde nascera, à Universidade Federal dessa cidade do estado de Minas Gerais. Não se tratava de um qualquer edifício, mas sim de uma edificação histórica. Conhecida como Fortim dos Emboabas, é considerada a segunda mais antiga edificação de São João del-Rei. A casa é a parte remanescente de uma fortificação na qual, em finais da primeira década do século XVIII, se instalaram os portugueses quando esperavam os paulistas que se dirigiam às regiões auríferas durante a Guerra dos Emboabas. Nesse edifício, para além de um Centro de Referência do Artesanato, a Universidade Federal de São João del-Rei vai igualmente dinamizar projetos de cariz social. A par da preservação do património histórico, este era o grande objetivo de Max Justo Guedes ao fazer a doação.

A preservação e, sobretudo, a valorização e divulgação do património histórico e cultural caracterizaram todo o seu percurso. O Museu Naval e o Espaço Cultural da Marinha, ambos no Rio de Janeiro, são dois exemplos maiores dessa preocupação. Sempre com um objetivo pedagógico, procurou, e conseguiu, conquistar mais público para os temas da história. A organização da Biblioteca da Marinha e o restauro da magnífica ilha Fiscal, na baía de Guanabara, local onde organizou a X Reunião Internacional de História da Náutica e da Hidrografia em agosto de 2000, são outros exemplos do seu trabalho no âmbito da valorização do património.

Max Justo Guedes teve também um papel fundamental na divulgação no Brasil da produção historiográfica de diferentes autores portugueses, sobretudo ligados à história da náutica e da cartografia. Essa foi sempre uma sua preocupação. Assumindo-se como discípulo de Jaime Cortesão, difundiu também as obras de Armando Cortesão, de Teixeira da Mota e de Luís de Albuquerque. Mais recentemente, contribuiu também para a divulgação de trabalhos meus e de Alfredo Pinheiro Marques, Inácio Guerreiro, João Carlos Garcia e André Ferrand de Almeida.

Fruto do seu saber, mas também da sua personalidade, manifesta na disponibilidade permanente para auxiliar quem o procurasse e na vontade de divulgar os conhecimentos que foi adquirindo, conseguiu atrair para a história da cartografia diversos investigadores dos dois lados do Atlântico. Como salientou Iris Kantor, «graças a sua atuação e aos seus trabalhos a historiografia da cartografia luso-brasileira renasceu nas universidades brasileiras nos últimos dez anos»⁷. Exemplo disso é o trabalho que a partir do projeto temático «Dimensões do Império Português», dinamizado pela FAPESP e pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, o Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica se encontra a desenvolver, designado «Banco de Dados de Cartografia Histórica: Almirante Max Justo Guedes». O trabalho consiste na organização e tratamento

⁷ Iris KANTOR, «Nosso Contra-Almirante Max Justo Guedes (1927-2011)» [Consultado a 16/04/2012]. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/na-rhbn/nosso-contra-almirante-max-justo-guedes-1927-2011>.

das cerca de duas mil fichas com informações variadas relativas à história da cartografia que Max Justo Guedes foi elaborando ao longo da sua vida e que cedeu para o efeito.

Max Justo Guedes faleceu quando estava prestes a ter início na cidade do Porto o IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, mais uma das iniciativas às quais o seu dinamismo ainda não deixou de estar associado, na medida em que diversos dos investigadores que têm participado nesses encontros com ele contactaram ou trabalharam. Mas estes simpósios são também um dos exemplos do crescimento dos estudos de cartografia histórica que Max Justo Guedes tanto procurou estimular.

Em maio de 2011, teve lugar em Paraty o I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. A conferência prevista para a abertura desse encontro estaria a cargo de Max Justo Guedes e trataria o tema «Jaime Cortesão e o início dos estudos sistemáticos de história da cartografia no Brasil». Infelizmente, não pôde estar presente naquela cidade do litoral fluminense. Tratar-se-ia de um verdadeiro regresso às origens, pois a conferência abordaria a sua experiência como aluno, apenas com 17 anos de idade, de um dos primeiros cursos sobre história da cartografia política brasileira ministrado por Jaime Cortesão na década de 1940, enquanto assessor da mapoteca do Itamaraty do Rio de Janeiro. Destinados fundamentalmente a funcionários do Ministério das Relações Exteriores brasileiro, esses cursos foram contudo abertos a pessoas estranhas à instituição⁸. A frequência do curso revelar-se-ia estruturante no entendimento de Max Justo Guedes da história brasileira, encaminhando-o definitivamente para o estudo da história da cartografia antiga. Muitos dos trabalhos que escreveu ilustram claramente a influência das interpretações de Jaime Cortesão no seu pensamento. A aceitação de um plano henriquino para se atingir a Índia e a concordância com o polémico mito da ilha Brasil são exemplos dessa influência, como é o reconhecimento da intencionalidade dos erros cartográficos presentes no célebre Mapa das Cortes de 1749, com objetivos diplomáticos, tese que também tenho procurado demonstrar.

Com o desaparecimento do Contra-Almirante Max Justo Guedes, muitos perderam um amigo e outros também um mestre. Ficam as saudades, mas perdurará o seu exemplo de dedicação ao trabalho e ao estudo, o grande rigor científico que caracteriza toda a sua produção historiográfica e o empenho que colocava nas iniciativas em que se envolvia.

⁸ A partir dos textos que foi elaborando para a lecionação desses cursos, Jaime Cortesão acabou por preparar, pelo menos parcialmente, uma das suas obras fundamentais: *História do Brasil nos Velhos Mapas*. O primeiro volume foi publicado em 1965 e o segundo apenas em 1971, pelo Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, ambos supervisionados por Isa Adonias, também aluna de Cortesão num dos cursos. Recentemente, a obra conheceu a sua primeira edição portuguesa, com apresentação do Professor Joaquim Romero Magalhães (*História do Brasil nos Velhos Mapas*, 2 t., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009).